

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 51

Anticristo Superstar. Os *quinze minutos de fama,* violência e linchamento do *Maníaco do Parque*

Luiz Alberto Moura

Porto, março de 2017

Anticristo Superstar. Os *quinze minutos de fama*, violência e linchamento do *Maníaco do Parque* ¹

Luiz Alberto Moura

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

E-mail: luizalberto.moura@gmail.com

Submetido para avaliação: dezembro de 2016 / Aprovado para publicação: março de 2017

Resumo

Este artigo incide sobre questões sobre o caso do *Maníaco do Parque*, considerado o maior *Serial Killer* brasileiro em todos os tempos. Aqui, com base na história de Francisco de Assis Pereira, juntamente com a bibliografia, pretende-se tornar claro que o fenómeno dos assassinos em série não pode ser fixado na fantasia e no grotesco, sendo ele parte do *Mal* que esta mesma sociedade insiste em suprimir. O trabalho traz para o palco do "real" a discussão sobre a cobertura e identificação dos *Serial Killers* frente ao público. Procurou-se aqui traçar paralelos da história do *Maníaco do Parque* com a maldade em estado puro e bruto, representada pelos assassinos seriais e essa nossa busca pela violência extrema que acontece a partir do momento que a "mola" que prende o nosso *Mal* interno arrebenta. Reflectir sobre um conceito de uma nova violência e sobre as questões mais subjectivas que permeiam esse caso, como a seriação, e comparar esse conceito e o fascínio por parte da sociedade pela violência ritualizada praticada pelos assassinos em série. O jornal Folha de S. Paulo e o programa dominical da Rede Globo de Televisão, Fantástico, foram usados como fontes (qualitativas) para o estudo do caso do *Maníaco*. A linguagem usada na cobertura dos acontecimentos mereceu atenção e será amplamente dissecada (para usar um termo caro ao tema). Foi feita a análise das reportagens do ponto de vista do conteúdo, do tratamento espetacularizado, ingénuo, irresponsável em certos casos, na cobertura de crimes praticados pelos assassinos em série.

Palavras-chave: *Maníaco do Parque*, *serial killers*, média, grotesco, mito.

¹ Este artigo é parte da dissertação *Anticristos Superstars - O mito dos Serial Killers como anti-heróis numa sociedade de extremismos*, apresentada pelo autor em 2016 no âmbito do mestrado em Comunicação, Arte & Cultura da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Abstract

This article examines the mídiacoverage for the case of the “Maníaco do Parque”, the most notorious serial killer known in Brazil, to show how this phenomenon cannot be placed in the realms of fantasy or grotesque. On the contrary, it is as much part of our society - any given society - as it is evil, even though we take major efforts into suppressing it. This work draws parallels between Francisco de Assis Pereira’s story with the pure and raw evil represented by serial killers, and our seek for extreme violence, one that only is shown when the “spring” that holds our evil inside is let go. It is our goal to discuss a new concept of violence and some of the more subjective issues that permeate this particular case — seriation — and to compare it to the fascination that ritualized violence provokes. News stories published by “Folha de S. Paulo” and excerpts of a segment aired on “Fantástico”, Globo TV’s Sunday show, are the qualitative sources used to study the “Maniac”, in which we analyze the language they display, their content, and the spectacularized treatment — sometimes rather naive and irresponsible — they give to serial killers crimes.

Keywords: Maníaco do Parque, serial killers, media, grotesque, myth.

1. O Anticristo Superstar

“Um dia eu vou ser famoso, nem que seja nas páginas policiais”²

Francisco de Assis Pereira

- *Ele se chama Francisco de Assis Pereira, mas você o conhece como o Maníaco do Parque.*
- *Confessou o assassinato de 11 mulheres, mas **pode ter matado mais de cem.***
- (...) *O primeiro exame psiquiátrico concluiu que Francisco é **semi-imputável**, isto é, **vive na fronteira entre a lucidez e a loucura.***
- (...) *o repórter Marcelo Resende conseguiu a primeira entrevista com o Maníaco do Parque.*
- *É um longo relato. O Maníaco conta como e porque matava. **Um aviso para os pais: o conteúdo desta entrevista é, em vários momentos, assustador.** (Fantástico, 22 de novembro de 1998) (grifos meus).*

E foi assim, sem *background*³, logo na volta do intervalo, que começava a maior entrevista dada por um *Serial Killer* na televisão brasileira. A fala, repetida aqui, é dos apresentadores Pedro Bial e Glória Maria, do programa dominical noturno *Fantástico*⁴, da Rede Globo de Televisão, líder do segmento no Brasil, no dia 22 de novembro de 1998. O clima que se desenrolaria nos quase cinquenta minutos seguintes já estava a ser desenhado desde o início. O caso de Francisco de Assis Pereira é emblemático e obrigatório para uma pesquisa sobre assassinos em série no Brasil, pois, além de ser um dos – senão o maior – do gênero do hemisfério sul, o *Maníaco do Parque* ainda reúne características que vão ao encontro do que é analisado nas nossas pesquisas como um todo. Também por ser praticamente o primeiro grande crime violento acontecido no Brasil após a fase de expansão no país da Internet - e por uma nova linguagem televisiva copiada dos Estados Unidos.

Iremos analisar inicialmente como Francisco foi tomado como uma representação do *Mal*, incutindo em nós o desejo de eliminação do mesmo; passando depois pelo *modus*

² Suposta frase atribuída ao Maníaco do Parque (Ver Alcalde & Santos, 1999: 75).

³ Música de fundo usada para criar ambiências em programas de televisão.

⁴ Programa em formato de *revista eletrônica*, iniciado nos anos 70, e que atinge até hoje milhares de pessoas por todo o Brasil e o mundo através dos canais internacionais da Rede Globo de Televisão.

operandi e a assinatura⁵ que o fizeram ser *conhecido* e temido; até chegar a uma espécie de mito em que foi transformado - sendo inclusive copiado - e um ser com vontades *demoníacas* e amplamente usado pelos média para conseguir audiências cada vez maiores, valendo-se de um *fascínio repugnante* do grande público por casos como o do *Maníaco*. Começando pelo *fim*, pode-se afirmar que a reportagem televisiva feita pelo Fantástico que será aqui analisada é o ápice da cobertura do caso do *Maníaco do Parque*. Como se diz na gíria popular, *a cereja do bolo* de uma verdadeira *caçada* que se iniciara meses antes quando a população da cidade de São Paulo ⁶ se viu diante de desaparecimentos de mulheres jovens e que possuíam um mesmo tipo físico. O que no início não tivera muita repercussão, mostrara-se parte de seguidas mortes acontecidas no Parque do Estado⁷. A cidade, então, estava diante de um *Serial Killer*.

Curiosamente, o referido parque é um dos refúgios escolhidos pelos cidadãos paulistanos e turistas para escaparem da vida estressante e agitada do dia-a-dia.

A partir do dia 4 de julho de 1998, a história de vida Francisco de Assis Pereira mudou radicalmente. Para 11 mulheres jovens humildes e trabalhadoras como ele, e para os parentes de outras dez, no entanto, a máscara de Francisco começou a cair a partir desta data. Em poucos meses, ele chamou a atenção dos média nacional e internacional como o Maníaco do Parque (Alcalde & Santos, 1999: 19) (grifo do autor).

Não que assassinos em série fossem novidades para o cotidiano de São Paulo e do país. Afinal, a maior cidade brasileira já teve exemplos famosos como Chico Picadinho⁸, Pedrinho Matador⁹ e João Acácio da Costa, o célebre Bandido da Luz Vermelha¹⁰. Mas, desta vez, com uma exaustiva cobertura que se utilizou do avanço e da maior penetração dos media, da Internet e da televisão na vida das sociedades: “a relação entre os meios de comunicação (em primeiro plano, a televisão e rede cibernética) e a violência social está na forma como o sistema avançado de comunicação se articula com as condições reais de vida da população” (Sodré, 2002: 37). Àquela altura, Francisco já não era mais conhecido pelo nome. Como Pedro Bial alertara na reportagem a ser analisada, ele já tinha passado a ser o *Maníaco do Parque*. O primeiro *passo* dos média já havia sido dado: descaracterizar a pessoa para caracterizar um *monstro*. A abertura do bloco, citada acima, como analisa Sodré, seria um modo de “exibição do fato violento, de modo dramático ou não, (...) uma tentativa,

⁵ Conceitos tratados em outros trabalhos.

⁶ Capital do estado de mesmo nome, situada na região sudeste do Brasil, a mais populosa do país.

⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Estadual_das_Fontes_do_Ipiranga. Acessado em 8 de fevereiro de 2016.

⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Picadinho. Acessado em 8 de fevereiro de 2016.

⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedrinho_Matador. Acessado em 8 de fevereiro de 2016.

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/João_Acácio_Pereira_da_Costa. Acessado em 8 de fevereiro de 2016.

às vezes infantilizada, de se lidar com a banalização do trágico no quotidiano de hoje” (Sodré, 2002: 99).

O que importa aqui não é puramente contar a história de Francisco como *Maníaco do Parque* e sim contextualizar a cobertura dos média, a reação do público e o impacto que o caso teve dentro de uma cultura de violência, dentro de uma *sociedade de extremismos*¹¹. O caminho do *Maníaco do Parque* será analisado à luz do que foi levantado em pesquisas realizadas para a dissertação em que esse artigo se insere, como um exemplo único de como encaramos a nossa parte sombria e em como reagimos a ela. Além disso, é importante perceber também como a figura dos *repórteres criminais* acaba tendo um destaque importante dentro desse contexto. Em como o *delator*, o *comunicador*, aquele que faz a *ponte* entre o crime e a sociedade passa a ter papel determinante nas reacções e em como o *Serial Killer* é *embalado* para o consumo das massas.

No Brasil, a figura do *repórter de crime* recebe o mesmo tratamento fantasioso. Verdadeiras personagens do dia-a-dia como Jacinto Figueira Jr., o *lendário Homem do Sapato Branco* (Schmid, 2003)¹² e hoje em dia com Marcelo Resende, José Luis Datena, Carlos *Ratinho* Massa, entre outros. São pretensos *meros apresentadores* do crime em questão que manipulam e enchem de drama o que estão a mostrar. Pois eles “frequentemente usam técnicas ficcionais”¹³ (Schmid, 2003: pos. 2239) nos programas que apresentam. E esse é um dos pontos centrais da nossa análise. O que nos interessa agora é a partir de quando Francisco começara a ficar *conhecido* pelo grande público. E em como a mídia sou sua imagem para propagar uma cultura de pânico, medo e revolta nos seus espectadores/leitores.

2. Da origem

No dia 18 de julho, de 1998, sábado, fim-de-semana, a polícia divulgou o retrato do suposto assassino de mulheres que vinha aterrorizando São Paulo, após o reconhecido através de uma mulher que se dizia sobrevivente de um dos ataques (Alcalde & Santos, 1999: 48)¹⁴ (“Ela deteve o olhar em uma delas e, sem titubear, apontou para a foto de Chico como sendo a de seu agressor”). Francisco era um dos vários suspeitos da polícia até então. Até essa data, o *Maníaco do Parque* - havia assassinado oito

¹¹ Conceito formulado na dissertação referida aqui. Trata-se de uma sociedade sem arestas, com emoções a flor da pele e em constante resposta a estímulos provocados pela mídia em geral.

¹² https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacinto_Figueira_Júnior. Acessado em 16 de fevereiro de 2016.

¹³ (...) *reality crime shows frequently use fictional techniques*. Tradução livre.

¹⁴ Francisco teria atacado uma das sobreviventes, não identificada, anos antes, em 1996.

mulheres, talvez nove, conforme desconfiava a polícia na época. Todas no mesmo lugar e de modo semelhante: nuas, com marcas de violência sexual e enforcadas, ou então mortas a golpes com pedaços de madeira. Segundo relatos da polícia, estavam de bruços e com o rosto virado para a direita. Não havia mais dúvidas, para todos, de que se tratava de um matador em série. Faltaria apenas descobrir quem era.

O *modus operandi* merece atenção especial aqui. Uma vez que no início do caso ele fora muito citado, será praticamente esquecido após a captura, com a mídia se importando mais com as possíveis *causas* de um comportamento violento daqueles do que com a *assinatura* em si. Antes da captura do *Maníaco*, a necessidade de criar uma ligação entre os casos e alguma razão demoníaca e instaurar uma aura de *terror* no público, levou a mídia a começar a falar sobre a *assinatura*, que se viu depois de Francisco preso, pareceu não tão mais importante assim para o público. “Abandonando-as em uma sequência macabra pelas trilhas conseguiu chamar a atenção da polícia e de toda a mídia” (Alcalde & Santos, 1999: 25).

Francisco fora *descoberto* após o documento de identidade de uma das vítimas ter sido achado chamuscado em uma privada entupida no banheiro (*Ibid*: 68) do local onde ele trabalhara. Ele havia largado o emprego dias antes e deixara um bilhete dizendo: “Me desculpe (*sic*), mas tem que ser assim” (Alcalde & Santos, 1999: 70).

É necessário deixar claro que a polícia possuía outros suspeitos, mas talvez a pressa da população por respostas, tenha feito de Francisco logo o mais próximo do assassino que procuravam. “Com a sociedade cobrando resultados imediatos (...) foram espalhadas dezenas de cartazes com a foto de Chico” (Alcalde & Santos, 1999: 65). Francisco seria preso em Itaquí, no Rio Grande do Sul, depois de ter percorrido várias cidades na Argentina e Paraguai, após somente 23 dias de investigações. Depois de preso, contou que atraía as vítimas (todas com o mesmo tipo físico) com histórias sobre ser um fotógrafo profissional que oferecia uma hipótese a elas de ingressar no mercado de modelos. Jules, Patrick, e outros nomes foram usados por ele na sua *caçada*. A este ponto a histeria coletiva já estava instaurada. O caso ganhara celebridade e Francisco era o *astro principal*. A revista *Veja*, um dos principais semanários do Brasil, do dia 12 de agosto de 1998, refere-se a ele como um *superstar* do *mal* (Revista *Veja*, 12 de agosto de 1998: p. 111). Na capa, a foto de Francisco e o emblemático título: “Fui eu”. Não havia volta. Francisco já era o *Maníaco do Parque*. Seu retrato fora divulgado nos jornais mais importantes do país e Francisco tinha-se tornado o *Mal* que precisava ser caçado, expurgado além de julgado, condenado e preso também pela sociedade. Ele era a encarnação grotesca do lado obscuro que *não poderia* fazer parte do nosso dia-a-dia.

A vida de Francisco era então devassada pelos media. Era patinador nas horas vagas do serviço de motoboy, sua família, descoberta, foi mostrada para todo o Brasil.

Repórteres queriam mais detalhes da vida regressa de Francisco. Não importando as consequências que isso acarretaria na vida de pessoas simples e que nada - fora o fato de serem parentes de Francisco - tinham relações com o caso¹⁵. Importante notar que esse comportamento não é exclusivo dos média de um determinado país. No documentário *Serial Killer Culture*, um dos entrevistados, Hart Fischer, escritor e colecionador de histórias sobre assassinos seriais, conta algo similar que acontecera com ele:

*Um repórter de TV em Milwaukee, comprou os livros sobre o Dahmer (N: que Fischer escrevera) e, com eles em mão, promoveu emboscadas com as (famílias das) vítimas. Batendo às suas portas, empurrando o livro em suas faces e perguntava, com a câmara ligada, 'isto não lhe incomoda?'*¹⁶ (Serial Killer Culture. 2014).

A cobertura mudou a rotina da família de Francisco, que morava na pequena Guaraci, cidade distante 460km de São Paulo. Familiares eram agora “parentes” de um assassino em série. Um clima em que a obra de Alcalde e Santos parece amplificar ainda mais.

Naqueles últimos 20 dias a cidade de Guaraci tinha sido destaque na média nacional. Repórteres de várias emissoras e revistas estavam em Guaraci para entrevistar parentes, amigos e conhecidos da família Assis Pereira. Nas esquinas, nas lojas, nos bares, em qualquer lugar, todos diziam ter uma pista de onde o suspeito poderia estar (Alcalde & Santos, 1999: 65).

Ainda segundo eles, “A cidade inteira seguia os passos da família Pereira. (...) a família se tornou alvo de chacotas porque eram parentes do Maníaco do Parque” (Alcalde & Santos, 1999: 65). Ou seja, o *Maníaco* perturbava o *status quo*, a *paz*, da sociedade. Trouxera a agitação, o pânico, o medo para dentro dela. E, em contrapartida, nada mais natural que ela *devolva* para quem seria *de direito* essa situação de tensão. Na mesma moeda o que fora feito a ela. A família de Francisco *poderia* ser importunada, afinal, foi ela quem *gerou* o assassino.

É impuro todo o que participa de perto ou de longe, directamente ou por contacto, numa perturbação da ordem natural ou de ordem social, estando estas duas ordens intimamente misturadas na vida do primitivo. É impuro o que impede o grupo social

¹⁵ Para um outro exemplo famoso de irresponsabilidade nos média brasileiros, recomenda-se ler sobre o caso da Escola Base, também em São Paulo, em que o casal de diretores fora acusado de molestar crianças que estudavam no local. Mesmo sendo absolvidos pela Justiça, ambos tiveram suas vidas praticamente destruídas após o incidente.

¹⁶ Em entrevista ao documentário *Serial Killer Culture*, de Jon Borowski, 2014: *There was this TV news reporter in Milwaukee who went to the stores and he bought the Dahmer Books and he took them and ambush interviewed (families of) victims with it Knocking on their door, jamming with the book in their faces with the camera on, "doesn't this bother you?".* Tradução livre.

de gratificar todos os seus membros com uma existência tranquilo, sem angústia, sem problemas individuais, sem imprevisto (Cazeneuve, s/d: 48).

Os parentes de Francisco eram, portanto, *impuros* aos olhos da sociedade. Esta prestava-se dos serviços da média para querer mais, extrair mais de quem, de alguma maneira, possuía *culpa*. E, se há culpa, é preciso que haja *punição*. Nas palavras de Sodré: “Podemos estar ingressando na era da manifestação generalizada de um sentimento inquietante de ódio, sem História e sem objecto específicos, excepto a própria condição humana, para a qual já se esvanece a valorização ética” (Sodré, 2002: 107).

O que não é nada excepcional se pensarmos que a nossa sociedade, de tempos para cá, se viu cada vez mais desejosa da vida das celebridades, das fofocas, de pormenores totalmente dispensáveis que viram notícia pela média e são comentadas em todos os cantos. O *Serial Killer* aqui oferece um verdadeiro *reality show* de horror, medo, pânico e grotesco.

Sobre isto, Schmid afirma que:

Serial Killers desempenham um papel proeminente na profusão de serialidade na televisão, fazendo aparições frequentes em documentários, notícias, filmes, séries de ficção, reality shows, julgamentos televisionados e muitos outros géneros, demonstrando assim a medida em que o ditado ‘Se sangra, conduz’ tornou-se o lema não só de jornalistas, mas também de programadores de televisão (Schmid, 2003: pos 2035)¹⁷ (grifo do autor).

3. Do monstro

Uma vez o *Mal descoberto, caçado e aprisionado* - estava na hora de transformar um ser humano comum, porém, com óbvios traços de crueldade, num *monstro*. Os crimes de Francisco passariam a ter motivações macabras. Desejos grotescos e *demoníacos* seriam a única explicação para aqueles crimes. Não poderia se tratar de uma pessoa, como todos nós. Antes mesmo de ser capturado, o *Maníaco* já era tratado como um predador feroz e surreal. “a investigação teria que partir dos sinais deixados pelo assassino no

¹⁷ *Serial Killers play a prominent role in the profusion of seriality on television, making frequent appearances in documentaries, news coverage, made-for-television movies, drama series, ‘reality TV’ shows, televised trials, and many other genres, thereby demonstrating the extent to which the adage “If it bleeds, it leads” has become the motto not only of journalists but also of television programmers.* Tradução livre.

corpo da vítima. E eram esses sinais que teriam que ser decifrados dali em diante” (Alcalde & Santos, 1999: 23).

Francisco era um *Serial Killer* e, como tal, *deveria se comportar* como um. Seria tratado como um. Se a ciência forense determina que um assassino em série tenha características próprias, o *ex-motoboy* as teria. Mesmo que para isso fosse necessário – mais uma vez – a ajuda dos média e até de videntes, astrólogos, *experts*, paranormais (como se verá a seguir) e etc. O choque inicial do público quando finalmente posto *frente a frente* com o assassino serial é tratado por Schmid quando ele diz:

Apesar da retórica da monstruosidade gótica que foi construída em torno deles, assassinos em série tendem a parecerem muito comuns quando presos. Esta normalidade rapidamente se torna problemática, porque torna mais difícil distinguir assassinos em série dos homens normais, e, conseqüentemente, as categorias de normal e anormal começam a se confundir (Schmid, 2003: pos. 2623)¹⁸ (grifo do autor).

É aí que entram a mídia e a cobertura sensacionalista com base no *True Crime*¹⁹. A junção destas narrativas que impõem o medo e o pânico com a *necessidade* e a *vontade* de uma sociedade em se ver *livre* de quaisquer semelhanças com um assassino serial, transforma uma pessoa – de aparência – comum em um monstro dos dias actuais. “Nos apocalipses pós-modernos, é interessante notar que a lógica do ‘anjo dos abismos’, a da animalidade humana, não é uma simples forma poética ou uma figura literária. Elas contaminam a vida quotidiana” (Maffesoli, 2004, 73).

O público não podia ficar de fora desse esquema. Era necessário participar: “dezenas de telefonemas anónimos eram atendidos dos mais diversos bairros de São Paulo, grande São Paulo, do interior e de vários estados do Brasil (...) informações anónimas não paravam de chegar” (Alcalde & Santos: 1999: 42-43). Da mesma forma de outros crimes não desvendados – seriais ou não – como, por exemplo, o caso de *Jack, The Ripper*. “Desnecessário dizer que houve várias histórias sobre suspeitos” (Evans & Rumbelow, 2010: 135)²⁰.

A celebridade de Francisco foi instantânea. Programas de televisão, jornais, se acotovelvavam para entrevistá-lo. Conseguir palavras do *Maníaco do Parque*, era garantir preciosos pontos na guerra pela audiência. E, aí, vale tudo. O Brasil estaria

¹⁸ (...) *despite the rhetoric of gothic monstrosity that has been constructed around them, Serial Killers tend to look very ordinary when they are apprehended This ordinariness quickly becomes problematic because it makes it difficult to distinguish Serial Killers from normal men, and consequently the categories of normal and abnormal start to blur.* Tradução livre.

¹⁹ *True Crime* como é chamada nos EUA, é uma narrativa similar aos nossos programas policiais ou literatura policial.

²⁰ *Needless to say there were further stories of suspects.* Tradução livre.

vivendo pela primeira vez o que só acompanhara pelas séries de televisão ou pela cobertura de crimes espetaculares (quem não se lembra do caso O.J. Simpson?, por exemplo) no Estados Unidos, em particular. A exposição de Francisco seria comparável a um grande *Serial Killer* americano como, por exemplo, Jeffrey Dahmer, o Canibal de Milwaukee²¹.

Nos EUA, dezenas de dramas para televisão relacionados com o crime serial têm inundado a programação desde meados dos anos 1980 (Schmid, 2003). O que o Brasil e vários outros países, no fim dos anos 1990, começavam a se familiarizar. Uma vez que os Estados Unidos seriam o maior exportador mundial de cultura, seja ela popular ou não, é mais do que natural que todo o tipo de tendência do gênero invada ao resto do planeta (Schmid, 2003).

As teorias das mais diversas formas foram elaboradas para *justificar* os atos de Francisco. Demônios, vozes do além, maus tratos na infância, lesões cerebrais, homossexualidade reprimida, entre outros. Tudo para *explicar* ao público algo que tem seria *teoricamente simples*: a despeito de qualquer desvio de comportamento ou psiquiátrico que ele possa ter, Francisco seria mau. A tentativa de se buscar motivações grotescas é um retorno ao que foi discutido em trabalhos anteriores. Seria somente uma forma de *afastar* Francisco de nós. Colocá-lo em um *grupo* de seres grotescos: loucos, cruéis, monstros. Na busca dessas causas, até um travesti (Alcalde & Santos, 1999: 74) fora entrevistado devido a um suposto romance com Francisco. O fato é tratado por Alcalde e Santos como "(...) a não aceitação desse lado homossexual (...)" (Alcalde & Santos, 1999: 79) que poderia ter levado o *Maníaco* a cometer os seus assassinatos.

Mesmo que Francisco possua alguma patologia de ordem mental, seria por demais simplório reduzir seus atos a pura loucura. Afinal, um louco andaria pela cidade de São Paulo, escolheria mulheres a dedo, com um nome falso, as convenceria que era um fotógrafo de modelos e as levaria para o Parque do Estado? Lembra muito o caso de Ted Bundy (ou H.H. Holmes) pela *engenharia* até chegar ao seu destino final: as vítimas. E tal qual Bundy, Francisco se tornaria um *arquétipo* dos *Serial Killers* no Brasil, como se verá mais a frente. Um *modelo*. "Até o mais marginal, o mais banal, o mais obscuro estetiza-se, culturaliza-se, 'musealiza-se'" (Baudrillard, 1996: 23).

Mas para o grande público não poderia ser tão simples assim. É fácil de se perceber qual a intenção dos programas policiais na televisão ou da própria imprensa escrita quando retratam um assassino em série. Eles precisam:

²¹ Mais em: <http://murderpedia.org/male/D/d/dahmer-jeffrey.htm>

Acentuar a aberração dos assassinos em série, ao procurar os mais antigos (geralmente na infância) sinais de desvio do criminoso, uma pesquisa que envolve eventos perfeitamente normais e reformula-os com premonições sinistras do que está por vir (Schmid, 2003: pos 2625)²².

Nesta reafirmação das diferenças entre os seres humanos ditos *comuns* e os assassinos em série, acaba por aglomerar a sociedade em torno de um ideal colectivo, que seria *livrar-se do Mal* - aqui representado na figura do *Serial Killer* - que emerge à superfície para tirar o quotidiano do lugar. A constante repetição (a seriação em uma outra forma) das *particularidades demoníacas ou grotescas* dos criminosos seriais se faz necessária dentro desse *jogo social*.

4. Dos jornais

A notícia dos crimes amanheceu estampada em letras garrafais em todos os jornais diários. O assassino, apelidado pela mídia como o “Maníaco do Parque” um Serial Killer. O forte apelo usado pela mídia mexeu com o imaginário popular e os paulistanos, em particular, começaram a acompanhar a história diariamente como uma novela. Era a falação preferida das rodinhas em padarias, bares e praças (Alcalde & Santos, 1999: 24-25).

Um dos periódicos acompanhados na época, foi o jornal de maior circulação da cidade de São Paulo, a *Folha de S. Paulo*. Uma vez explicado de que não se trata de uma análise quantitativa e sim qualitativa, é necessário passar para a observação de elementos pontuais que marcaram a cobertura dos media, também reproduzidos neste jornal tido como dos mais influentes do Brasil e sem – até então – grandes históricos de sensacionalismo. Porém, ajudou a gerar um estado de alerta frequente, de pânico e, ao mesmo tempo, de excitação e espera pelo *próximo capítulo*. Aqui, nota-se que a seriação e a repetição dos supostos *modus operandi* e das assinaturas dos crimes de Francisco ficam de lado na maioria dos textos analisados. Somente nas matérias que citam outros assassinos em série eles são recuperados servindo apenas como mera descrição. Nada mais.

Nas matérias, Francisco afirmara que *não escolhia as vítimas (Folha de S. Paulo, 20 de agosto de 1998): “A primeira que encontrava eu conversava como uma pessoa normal, mas já dominado por uma parte maligna”*. A parte maligna sempre citada e que

²² (...) accentuate the aberrance of Serial Killers by searching for the earliest (frequently childhood) signs of the killer’s deviance, a search that frequently involves looking back at perfectly ordinary events and recasting them as sinister premonitions of what is to come. Tradução livre.

interessaria mais aos média e ao público. A tentativa de se *explicar* os motivos pelos quais levaria alguém a matar repetidamente e no mesmo lugar (no caso do *Maníaco do Parque*) superaria o interesse pelo modo como esses assassinatos ocorreram. Em muitos *Serial Killers*, principalmente quando se fala nos americanos, a seriação e a repetição são tratados exaustivamente para se achar algum componente que elucide o porquê da matança. Sempre, claro, usando de linguagem fantástica e grotesca, juntamente – num grande paradoxo - com pitadas de ciência. Similar a que assistimos quando vemos séries de televisão como *C.S.I.* ou *Criminal Investigations*.

Dois temas ficariam mais nítidos na leitura das reportagens. Um é o fato de Francisco se transformar num *ícone*, um mito. Em diversos momentos, ele é citado como referência em reportagens sobre outros *Serial Killers* ou quando apenas é uma personagem secundária no enredo. Como, por exemplo, na cobertura da rebelião acontecida no presídio de Segurança Máxima de Taubaté (a 134 km de São Paulo), em novembro de 2000, onde Francisco está preso até hoje. Sua *presença* no texto não tem qualquer importância a não ser o fato da rebelião acontecer na cadeia em que se encontra o *Maníaco do Parque*. “Na ocasião, Francisco de Assis Pereira, conhecido como o *Maníaco do Parque*, estava entre os presos de Taubaté” (*Folha de S. Paulo*, 19 de fevereiro de 2001). Na chamada da matéria, Francisco é colocado dentro do “alto escalão” do crime.

Numa entrevista com a repórter Rita Magalhães (*Folha de S. Paulo*, 19 de fevereiro de 2001), Francisco conta que teve a vida salva por um dos líderes do movimento. Mas, no mesmo texto, a repórter parece *esquecer-se* do tema central (a rebelião) para voltar a perguntar sobre as motivações de Francisco enquanto era o *Maníaco do Parque*, a solta por São Paulo. Mesmo três anos após os mesmos assuntos terem sido amplamente debatidos, mas o público “saboreia o retorno do esperado” (Eco, 1989: 150).

Em outros casos, Pereira é usado como referência para outros assassinos. Seja pelos próprios criminosos, seja pelo texto. Quando do caso de um *Serial Killer* de 16 anos, de Rio Brillhante, no Mato Grosso do Sul, as matérias falavam em um rapaz “que se inspirava no *motoboy* Francisco de Assis Pereira, o *Maníaco do Parque*, para cometer os crimes. (...) O adolescente afirmou, de acordo com a polícia, que queria matar mais pessoas do que Pereira” (*Folha de S. Paulo*, 10 de outubro de 2008).

Icheiser, em Goffman, já disse que “o indivíduo terá que agir de tal modo que, com ou sem intenção expressa a si mesmo, e os outros terão que ser de algum modo impressionados por ele” (Goffman, 1995: 12). Nestes casos, o *Mal* reaparece de outra forma. Ao ser um *ídolo*, Francisco era uma celebridade, e como tal, era *seguida* e *admirada*. “O Filho de Sam não estava tão errado quando ele pensou que o público

estava pedindo por ele durante as matanças, pois a mídiacobria cada ato dele com excitação crescente” (Schmid, 2003: pos 21-22)²³.

Há também casos em que a mídia utilizou o *maníaco* como referência para situar o leitor de maneira *rápida e ágil* sobre o que está acontecendo. “Assassino que age de maneira semelhante à do *motoboy* que atacava em SP já matou 10 mulheres em Nova Friburgo. (...) Polícia procura *maníaco do parque do RJ*” (*Folha de S. Paulo*, 12 de setembro de 1998). O chamado (pelo jornal) de “*maníaco da serra*”, teria cometido crimes em que as vítimas “sofreram torturas e violências sexuais. Seis mortes ocorreram em uma floresta no parque São Clemente, área nobre do município, que fica a 134 km do Rio” (*Folha de S. Paulo*, 12 de setembro de 1998). Apesar da rápida associação com os crimes de Francisco, poder-se-ia usar vários outros *Serial Killers* que se encaixariam na descrição das mortes usada pelo jornal. Mas Francisco já estava impregnado no imaginário colectivo.

Em outro texto, a associação entre o *Maníaco do Parque* e um crime serial soaria ainda mais forçada. “Os crimes ocorreram nos últimos 30 dias, após a prisão do *maníaco* do parque do Estado, Francisco de Assis Pereira, mas Ralfe *nega ter-se inspirado no motoboy* para praticar os crimes. ‘Ele é um *psicopata*, um *canibal*, eu **não**’” (*Folha de S. Paulo*, 25 de agosto de 1998) (grifos meus). Pedro Ralfe, 24 anos, foragido da polícia, era acusado de matar 11 mulheres também em São Paulo e, segundo a reportagem, “disse que chorou nas duas vezes em que viu reportagens sobre o *maníaco* na TV. ‘Tinha um pouco de *medo de ficar violento como ele*’” (*Folha de S. Paulo*, 25 de agosto de 1998) (grifos meus). Francisco era novamente destacado como uma referência monstruosa, desta vez, por outro *Serial Killer*. E a história se repete em vários outros exemplos que não valem ser citados todos neste espaço. Outros chegam a beirar o ridículo como num texto sobre defesa pessoal para mulheres em que o professor diz, segundo a reportagem, que Francisco “estaria *frito* com uma aluna minha; ela iria quebrar o braço dele e fugir” (*Folha de S. Paulo*, 15 de maio de 2003). O texto é de quase cinco anos após a captura do *Maníaco*. Aqui, ele é usado como um *garoto propaganda* às avessas para a suposta *venda* de um serviço.

É o que Calabrese já chamou de *estética do feio*: “Monstros físicos e morais, obscenidade, embrutecimento, violência, não valem só pelo seu significado, valem também pela sua forma de expressão” (Calabrese, 1988: 71). Expressão que ganha contornos de monstruosidade ainda maiores sob as tintas da mídia e passa a representar outros sentimentos que não só aqueles gerados pelos crimes. O mito, conforme Barthes, é “uma mensagem, um modo de significação. Ele não é definido pelo objeto da

²³ *Son of Sam was not so very wrong when he thought the public was urging him on during his killing spree, for the mídiachronicled his every deed in a state of mounting excitement.* Tradução livre.

mensagem, mas pela maneira como a profere” (Barthes, 1987: 131). Aqui quem *passa*, ou melhor, quem *traduz* a mensagem do mito para o público é a mídia. Seja antes de ser descoberto, com a instauração de um estado de pânico e suspense, seja depois de capturado, com a proliferação de mensagens fantásticas alimentando ainda mais o imaginário coletivo com imagens grotescas e surreais. São reportagens todos os dias “(...) dramáticas ou violentas, cujo enquadramento assenta frequentemente na fusão entre notícias e ficção” (Surette, in Machado & Santos, 2010: 52). O que se pode atestar, em poucos exemplos, seria que, num curto período de tempo, o Brasil fora *assolado* por alguns assassinos em série. Todos surgidos, como num *passe de mágica*, apenas *inspirados* por Francisco, ou a mídia que descobriu um filão para audiência?

O assassinio em série, que até então seria “raro” no Brasil, assume contornos casuais. O *fait divers* toma conta do noticiário, aproveitando-se da curiosidade que ainda existe no público sobre o assunto: “a ignorância real da causa obriga aqui o *fait divers* a estender-se sobre vários dias, a perder seu carácter efêmero, tão conforme à sua natureza imanente” (Barthes, 2007: 61-62). Daí em diante, vai embora o interesse sobre os crimes praticados por Francisco, mas fica a figura, o mito permanece. Uma vez que, como diz Schmid, *Serial Killers* “(...) como estrelas de cinema, têm fãs” (Schmid, 2003: pos 1786), o mito o qual Francisco representa, o do assassino que chocou o país, que tirou a vida de mulheres do mesmo tipo físico e no mesmo local, perpetuar-se-á, pois há gente *interessada* nele, inclusive outros assassinos, como visto. Neste caso, a *seriação* usada pelos jornais alimenta o desejo popular pelo assunto. “Enquanto pratica a repetição do sacrifício arquetípico, o autor do sacrifício, em total acção cerimonial, abandona o mundo profano dos mortais e introduz-se no mundo divino dos *imortais*” (Eliade, 1992: 38) (grifo meu).

Sem querer entrar em estudos sobre a televisão e os impactos da mesma no dia-a-dia, uma nota, também na *Folha de S. Paulo*, no entanto, ilustraria que, mesmo depois de passado um tempo dos crimes, com Francisco já preso, ele continuava a suscitar a atenção e a curiosidade do grande público. O *Maníaco do Parque* ainda seria uma *galinha dos ovos de ouro* para a mídia brasileira:

O Fantástico de domingo também perdeu para o Domingo Legal, durante os 38 minutos em que concorreram, por 30 pontos a 27. Detalhe: a atração de Gugu Liberato era Francisco de Assis, o Maníaco do Parque, quase nos mesmos moldes da entrevista que o Fantástico exibiu há dois anos e que gerou o Linha Direta (Folha de S. Paulo, terça-feira, 01 de maio de 2001).

5. Do Demônio

No entanto, não bastaria falar apenas de Francisco, ou de Bundy, de Dahmer, de Ramirez, etc. Não seria suficiente citá-los todos os dias. Seria preciso *vesti-los* com as *roupas adequadas* para cada ocasião. Francisco, como outros, tornar-se-ia então mais do que um assassino. Afinal, homicidas existem milhares. Os criminosos seriais precisam de ser *satanizados*. É preciso inserir neles a parcela de *Mal* que *não nos cabe*, que *não nos pertence*. E nessa tarefa, a mídia é fundamental para incutir no imaginário popular tais imagens. O *fait divers*, neste caso, precisa de se completar com informações que permitam a renovação de um mito diariamente. O mito da maldade, como os assassinos em série são vistos, precisa de dados que façam com que eles continuem inspirando fascínio, repulsa, curiosidade, vingança e medo. Por exemplo, voltando a *Jack, The Ripper*, os relatos que se juntaram à história dele depois de encerrados os assassinatos, contam um personagem com contornos ficcionais, vestido com cartola e um sobretudo esvoaçante ao sabor do vento. Um assassino que matava prostitutas sempre bem vestidas e bonitas. Porém, se ninguém o viu, como podem descrevê-lo? E as prostitutas da época estavam longe de serem figuras visualmente agradáveis. Citando Eliade: “poucos anos tinham sido suficientes para erradicar toda a autenticidade histórica do episódio, transformando-o num relato lendário” (Eliade, 1992: 45).

Assim, os média se transformam numa versão *oficiosa* de uma verdade tingida de tonalidades fantasiosas e alienantes. O que cairia muito bem numa cultura de violência e de supressão do *Mal*. Haveria, neste momento, uma espécie de *pacto* entre mídia e sociedade, pois “Há uma dificuldade da sociedade em lidar com a ideia de maldade, que é algo que existe” (*Folha de S. Paulo*, 12 de agosto de 2015)²⁴ e que, devido a isto, ficamos “(...) buscando explicações e origens para a maldade de alguém” (*Folha de S. Paulo*, 12 de agosto de 2015)²⁵. Os média se valem então de todas as possibilidades para alargar o leque de opções para o surgimento da maldade. São convocados *experts* em psicopatologias e até pessoas com *dons sobrenaturais*. Não só no caso de Francisco, como ver-se-á a frente, mas também em outros assassinos seriais, como em Belo Horizonte, no ano 2000 (portanto, quase dois anos após a prisão de Francisco), quando um policial o militar fora acusado de matar mulheres convidando-as para posar nuas para revistas masculinas.

Talvez por ignorância, talvez por *desespero* em encontrar uma solução: “o comandante

²⁴ Frase atribuída pelo jornal ao psiquiatra Daniel Barros, coordenador do Núcleo de Psiquiatria Forense do Hospital das Clínicas de São Paulo.

²⁵ Frase atribuída pelo jornal ao psiquiatra Daniel Barros, coordenador do Núcleo de Psiquiatria Forense do Hospital das Clínicas de São Paulo.

do policiamento de Belo Horizonte, coronel Severo Augusto, anunciou que chegou a se encontrar com um 'vidente' que dizia ter informações importantes sobre os casos" (*Folha de S. Paulo*, 09 de agosto de 2000). Porém, não estaria dentro de manuais de jornalismo ou de conduta policial ter em conta depoimento de videntes ou sensitivos. Só que aqui, o leitor "(...) é confrontado com narrativas cujo formato é idêntico ao entretenimento ficcional que consome, desenhadas para provocar o choque ou suscitar a repulsa, incitando a uma reacção emocional que, embora individualizada no leitor, telespectador, ou ouvinte, afecta o público como um todo" (Katz, in Machado & Santos, 2010: 58).

Este tipo de abordagem é o conteúdo fantástico necessário para o *fait divers* sobreviver. "Funcionam ainda como telenovelas do real, (...) mantendo uma relação directa e histórica com a estética do folhetim, da rádio novela, do circo e do melodrama" (*Folha de S. Paulo*, 05 de outubro de 2003). Uma vez que "(...) o acontecimento 'real' realiza-se no vácuo, expurgado de seu contexto, visível somente de longe, pela TV" (Baudrillard, 1996: 88).

Há uma verdadeira sequência de depoimentos de Francisco sobre a *parte maligna que tomava conta dele* antes de matar. Ele assume que foi o autor dos crimes, mas nos dá algo a mais. "O motoboy confessou o assassinato, mas disse que foi possuído por uma 'força maligna'" (*Folha de S. Paulo*, 11 de agosto de 2001), por exemplo. Como num exercício de reforço, em diversas ocasiões nota-se a insistência de relegar a maldade do *Maníaco do Parque a forças externas*: "Falou em Deus e em 'força maligna' ontem durante interrogatório à Justiça, no qual confessou ter assassinado a recepcionista Rosa Alves Neta, 25. 'Fui usado por uma força maligna. Sentia um apetite carnal desordenado'" (*Folha de S. Paulo*, 10 de agosto de 2001). No dia 24 de julho de 2002: "Ele se disse tomado na época por uma 'força possessiva' que o levou a cometer 'práticas negativas demoníacas'" (*Folha de S. Paulo*, 24 de julho de 2002). Rabot já disse que "Satanás é uma peça essencial do sistema cristão" (Rabot, 2011: 195).

"Em seu depoimento no primeiro dia N: após o veredicto e a condenação a 121 de prisão), ele assumiu ter matado 11 mulheres e se disse dominado na época por 'um sentimento muito negativo, uma adoração espiritual viciosa e prostíbula (sic)'" (*Folha de S. Paulo*, 25 de julho de 2002). E mais: "Pereira voltou a afirmar que estava "dominado por forças malignas" no momento dos crimes. O réu não respondeu se carbonizou ou não o cadáver" (*Folha de S. Paulo*, 21 de fevereiro de 2002). Usa-se por diversas vezes termos como *força*, que suscita que algo o obrigava a agir.

Eu tenho um lado ruim dentro de mim. É uma coisa feia, perversa que eu não consigo controlar. (...). Tinha noite que não saía de casa porque sabia que na rua ia querer fazer de novo, não me ia segurar. Deito e rezo, pra me tentar controlar (Revista

Veja, 12 de agosto de 1998).

O que chamaria a atenção é a insistência dos textos em trazerem algo que já fora reportado, que não é novo, que não é mais notícia²⁶. É usado apenas como forma de reforçar a *satânização* de Francisco. Forma mais adequada às narrativas *True Crime* que, como se viu, ganharam espaço na chamada grande imprensa com o passar dos anos. Será isso um “resultado da valorização religiosa da tortura e da morte violenta” (Eliade, 1963: 127)?

Nem mesmo os parentes deixariam de atribuir alguma entidade maléfica exterior para os crimes de Francisco. Diva Aparecida das Graças, tia do *Maníaco*, que supostamente teria abusado dele quando criança (fato comum nas descrições de *Serial Killers* e que ajudaria a montar o quebra-cabeça, o perfil psicológico) ao negar estas acusações diz ainda que: “Só pode ser um louco. Se existir, o rabo do *Satanás* bateu na vida dele” (*Folha de S. Paulo*, 17 de agosto de 1998). Ou seja, para Francisco não basta ser *possuído* por um espírito maligno, é preciso ser mentalmente perturbado. Ela completa na mesma entrevista: “*Tudo leva a crer que é promessa mal cumprida. Minha irmã fez promessa a São Francisco de Assis para vestir meu sobrinho de frade quando tirou uma lasca de madeira do ouvido dele, mas não cumpriu*” (*Folha de S. Paulo*, 17 de agosto de 1998) (grifo meu). O público estaria mais desejoso por uma fantasia “alimentado pelo desejo das pessoas para encontrar outras maneiras de gerenciar suas ansiedades sobre a morte, agora que a morte havia sido removida da esfera pública” (Schmid, 2003: pos 286)²⁷.

Além de ser dominado por *forças ocultas*, estas só se manifestariam quando Francisco estivesse dentro do Parque do Estado. Assim como nos contos *Dr. Jekyll* se transformava em *Mr. Hyde*²⁸ devido a uma poção e nas bandas desenhadas o cientista *Bruce Banner* virava o *Incrível Hulk*²⁹ quando tomado por uma onda de raiva, o *Maníaco do Parque* só deixava de ser Francisco de Assis Pereira ao estar no local das mortes: “ele já havia declarado que esse lado só se manifestava quando entrava na mata do parque

²⁶ Voltando a 1998, um detalhe teria passado em branco pelo grande público. Famoso por convencer as suas vítimas usando apenas a retórica e o carisma, duas das sobreviventes dos ataques de Francisco teriam afirmado à *Folha de São Paulo* que o Maníaco teria usado uma arma de fogo para fazê-las o acompanhar. “*Segundo as duas, o motoboy utilizava um pequeno revólver. Foi com essa arma que Pereira teria as forçado a entrar na mata do parque do Estado, local no qual ele confessou ter assassinado, no mínimo, nove mulheres. Até então, o réu afirmava que convencia suas vítimas apenas com uma ‘boa e sincera conversa’*” (*Folha de São Paulo*, 21 de agosto de 1998). Verdade ou não, o fato é que não há mais registros dignos de nota em outras reportagens. Um criminoso serial que usaria arma de fogo torna-se bem menos *sedutor* e aterrorizante aos olhos do público. Seu poder *demoníaco* se esvaneceria e deixaria de ter apelo junto ao público.

²⁷ (...) *fueled by people’s desire to find other ways to manage their continuing anxieties about death now that death had been removed from the public sphere*. Tradução livre.

²⁸ Mais em: https://en.wikipedia.org/wiki/Strange_Case_of_Dr_Jekyll_and_Mr_Hyde

²⁹ Mais em Em [http://marvel.com/universe/Hulk_\(Bruce_Banner\)](http://marvel.com/universe/Hulk_(Bruce_Banner))

do Estado” (*Folha de S. Paulo*, 20 de agosto de 1998). Porém, ao contrário dos *colegas* da ficção, *criados* pelos laboratórios: “A ciência ainda não tem a cura para isso porque é muito difícil de saber quando essas pessoas vão agir” (*Folha de S. Paulo*, 31 de agosto de 2001). Além disso, havia essa duplicidade, um *alter-ego* de Francisco, que, segundo Eliade, era comparável a outro herói das bandas desenhadas: “Um personagem fantástico, Superman, tornou-se extremamente popular graças, sobretudo, a sua dupla identidade” (Eliade, 1963: 159).

Gorender, citando Watt, atesta que os assassinos em série “adquirem uma realidade tão palpável que recebem correspondências e podem ser noticiados na imprensa como pessoas reais. Exemplos antigos seriam Dom Quixote ou Robinson Crusoe, e mais recentemente Sherlock Holmes, Super-Homem ou Tarzan” (Gorender, 2010: 117).

Mas Francisco *existia*. Quem não poderia era a maldade que ele carregava. “O demônio ‘representa de uma maneira absoluta o que o mundo tem de medonho, o incalculável poder que se move à nossa volta e ameaça apoderar-se de nós’” (Cazeneuve, 19__ : 144).

6. Do fantástico *Show de Horrores*³⁰

O ápice da cobertura do caso do *Maníaco do Parque* chegaria ao público no dia 22 de novembro de 1998, dentro do programa *Fantástico*. Com a entrevista, a *Rede Globo*, maior canal de televisão do Brasil e, até então, não muito afeita a tons sensacionalistas típicos de alguns de seus concorrentes, pretendia dar uma resposta aos que ameaçavam a sua hegemonia na época. Mais uma vez, um *Serial Killer* foi usado para o papel de captar a atenção da sociedade em prol de outros fins. Sem qualquer tipo de censura, as mortes praticadas por Francisco eram contadas, com detalhes amplificados por montagens fantasiosas, a partir de efeitos de iluminação, de sonoplastia, inserções de peças ficcionais, etc.

A entrevista teve vários desdobramentos nos meses (e anos) que se seguiram: um, instantâneo e que já era previsto, foi a criação de um programa semanal, chamado *Linha Direta*³¹ que trazia recriações de crimes que marcaram a sociedade brasileira. Do outro lado, foi o debate em todos os mídia brasileiros no que estava se tornando a programação televisiva local. “Será com este tipo de mercadoria que a Globo pretende disputar espaço no açougue televisivo?” (*Folha de S. Paulo*, 29 de novembro de 1998),

³⁰ Uma alusão ao nome do programa aqui analisado “Fantástico, o show da vida”.

³¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_Direta

perguntava-se a crítica especializada. O termo *açougue* dá a clara ideia de como a televisão brasileira estava a se transformar numa espécie de *reality show* da banalização da violência.

Mas de quem seria a *culpa*? O desejo, o fascínio mórbido e repugnante pelo sangue e pelo macabro ditariam as regras³² do que é transmitido pela televisão ou jornais. Não há a questão de se tratar sobre os princípios dos média, mas sim, analisar que os atos desta seriam uma consequência de todo um *Mal* que se encontra comprimido dentro da sociedade e que precisaria de alguma válvula de escape. Seja praticando a violência – que se tornaria cada vez maior – nos *vingando* daquele que trouxe a desordem, o caos, seja *de camarote*, em casa, sendo impelido a fazer justiça com as próprias mãos.

Voltando ao programa, por mais de 40 minutos vários clichês sobre *Serial Killers* são *despejados* para o público. Francisco teria sido abusado na infância por uma tia e teria uma lesão cerebral causada por um acidente também enquanto criança. Ele teria ficado impressionado, severamente perturbado, ao assistir por diversas vezes, a bois serem abatidos em um matadouro próximo à sua casa. Francisco ficava então "olhando o matador dos animais, em quem tinha vontade de dar as mesmas marretadas que dava nos bois que se ajoelhavam como que pedindo perdão e clemência para não morrer" (Alcalde & Santos, 1999: 120).

A maneira na qual como os bois caíam depois dos golpes de marreta, seria muito similar, e a edição faz um paralelo com montagens (usando mais um parente, agora o irmão de Francisco), ao modo como o assassino deixara as vítimas deitadas no Parque. De bruços e com os rostos virados para a direita. "Parece que os primeiros homens não teriam visto na morte senão um símbolo de impureza e teriam tratado os cadáveres de maneira a que pudessem inspirar sentimentos de horror e terror" (Cazeneuve, s/d: 222).

O programa ainda não estava *satisfeito* em brindar a audiência com lugares comuns sobre *Serial Killers*. Para um público, em geral, não habituado com esse tipo de criminoso, era necessário mais. Seria preciso transformar Francisco num *demônio* e mesmo isto, possuiria causas. No caso, a causa poderia ser seu próprio avô, descrito pela própria mãe de Francisco, como uma pessoa *muito violenta, ruim*, e que ainda fora envolvido com *magia negra* em vida.

Só a ciência não poderia explicar o que se passou com Francisco. Então, a reportagem começa a fazer também uso de videntes, astrólogos e paranormais. Ao serem levadas para o Parque do Estado, exatamente onde Francisco teria assassinado suas vítimas,

³² Ver capítulo V da referida dissertação.

duas sensitivas dizem ouvir vozes (importante: as duas sensitivas foram utilizadas em dias diferentes, segundo a reportagem, talvez para garantir mais *credibilidade*). Uma delas, Socorro Leite, fala em ouvir *nitidamente* uma *gargalhada*, e vê Francisco, recém-nascido, nos braços da mãe. Novamente, a vidente diz *visualizar* o bebê com um *largo sorriso* no momento em que ele recebe o que ela chamou de *cajado carmático* resgatando assim uma “incumbência espiritual” deixada pelo avô. O mesmo que *possuía relações com* forças obscuras. Segundo Socorro Leite, colocando a cabeça das vítimas de encontro ao chão, como o boi ao ser morto, estaria representando a rendição, a cabeça baixa à mercê de Francisco. Na versão da vidente, as mulheres estariam *dominadas* por entidades satânicas antes mesmo de entrarem no parque, as mesmas que teriam mandado o *maníaco* matar. Francisco saberia, de acordo com ela, desse seu *poder*, mas, como já dito aqui, ele diz desconhecer de onde vinha. Praticamente a induzindo uma resposta, o repórter Marcelo Resende, pergunta à mãe de Francisco de quem ela se lembrava quando olhava para o filho. A resposta óbvia: o pai dela, o avô do *Maníaco*.

Tem-se aqui um ponto importante. Numa sociedade em que o *Mal* está sempre no outro, em que tem os pés fincados em causas sobrenaturais como também já analisado neste trabalho, trazer um *Serial Killer* para todo um país e mostrar, como um animal enjaulado, que ele é diferente de nós, um motivo satânico seria a *associação* perfeita. Maffesoli já falou disso quando cita que “é possível que as diversas formas do demonismo contemporâneo não sejam senão o retorno de uma força reprimida” (Maffesoli, 2004: 68). A cobertura do Fantástico parece vinda de um *manual* de como realizar reportagens com essas tonalidades. Schmid sobre isso diz:

Incorpora vozes frequentemente excluídas da notícia ‘séria’ e, muitas vezes gira em torno daqueles que normalmente são marginalizados no discurso dos media. O ‘bizarro’ e o ‘desviante’ são fundamentais para a seu repertório de imagens. Frequentemente viola os padrões institucionais dominantes e os procedimentos para a produção e validação de ‘verdade’. Ela vive no grotesco, o escandaloso, e ‘anormal’ (Schmid, 2003: pos 2207)³³.

Mas ainda faltavam os *experts*. Mas neste caso, o psiquiatra forense Guido Palomba, figura quase certa nesse tipo de reportagem, aparece com seus veredictos sobre possíveis patologias que Francisco possuiria, como numa consulta médica. “A psiquiatria criminal, então, era atraída por crimes brutais aparentemente sem motivo, crimes para os quais era urgente o conceito de assassino perigoso, de grande monstro”

³³ (...) *criminals have become so common in recent decades is that the groups who come into contact with those criminals-lawyers, law enforcement officers, FBI agents, and true-crime writers-can now become famous in their own right.* Tradução livre.

(Schmid, 2003: pos. 3002)³⁴. Por isso, Palomba, assim como outros nomes sempre lembrados quando surgem casos de *Serial Killers*, acabam se tornando referências também. Não só o criminoso ganha fama, mas também quem aparece *ao seu redor*. Seja de formas ruins, como no caso dos parentes de Francisco, seja com notoriedade dita “profissional”. Schmid novamente pontua, dentro de uma ótica americana que: “grupos que entram em contacto com esses criminosos, como advogados de justiça, policiais, agentes do FBI, e escritores de *True Crime* podem agora tornar-se famosos por si só” (Schmid, 2003: pos. 2880)³⁵.

Na entrevista, como se previsse a reação desacreditada de parte do público frente a essas informações, o repórter se antecipa e pergunta à vidente se os espectadores poderiam confiar na história contada por ela. Claro que o *diabo* por ter suas artimanhas nessas horas, descritas por ela como *tão sutis* para deixar o público incrédulo, mas que tudo seria verdade. Porém, nada disso deveria ser uma novidade se pensarmos no que Calabrese diz:

São reptos levados a dois campos de especulação que constituem a experiência humana: o domínio do ‘objetivo’ (isto é o mundo fora de nós), e do ‘subjetivo’ (isto é, o mundo fora de nós). Repto, em suma, lançado à regularidade da natureza e àquela outra regularidade que se lhe ajusta, a inteligência humana (Calabrese, 1988: 108).

Para *auxiliar* na edição que conta com iluminação (destacando sempre, no primeiro dia, os olhos de Francisco – a “janela da alma”) e som característicos de um ambiente de suspense e mistério, a fala do *Maníaco do Parque* também é apresentada a fim de causar um certo desconforto em quem o assiste. Detalhando pontos-chaves da sua vida, Francisco tem uma fala fragmentada, repleta de pequenas pausas, confusa. Ele mostra-se afobado, inventa expressões e, em certos momentos, parece que vai dar vazão àquela raiva que sentia ao matar suas vítimas. Um convite para o espectador se sentir ameaçado dentro da sua própria casa. Poderia ser isto um motivo que impele uma pessoa a sair de casa para querer se *vingar* daquele que o tirou da paz do cotidiano?

Após as videntes, até um astrólogo daria seu parecer. Num *mix* improvável esoterismo e ciência andam aqui de *mãos dadas*. Todas as visões desse astrólogo sobre a vida de

³⁴ *Criminal psychiatry, then, was attracted toward apparently motiveless, brutal crimes, the crimes for which the concept of the dangerous criminal, the great monster, was needed most urgently.* Tradução livre.

³⁵ (...) *groups who come into contact with those criminals-lawyers, law enforcement officers, FBI agents, and true-crime writers-can now become famous in their own right.* Tradução livre.

Francisco vão sendo colocadas em paralelo e ao encontro das análises feitas por Palomba sobre os porquês do *Mal* que dominaria o *Maníaco do Parque*.

Para ratificar o que já se disse sobre a meticulosidade da edição, a última palavra dita pelo astrólogo Humberto Gentil na sua análise do comportamento do *maníaco* foi “matar”. Neste ponto, Francisco vai surgindo no vídeo como se estivesse esperando a sua vez e completa: “por amor”. No dia seguinte, antes de voltar a cela depois da primeira entrevista, Francisco diz ter visto no teto do seu cárcere o número três que, para ele, e não se entende o porquê, entretanto, *significava* 30. Diz também ter ficado com outro número, 70, na cabeça, logo após ter deixado o entrevistador.

A partir daí, Marcelo Resende tenta, de forma acintosa, fazer com que o *maníaco* confesse mais crimes. Questiona se Francisco não saberia ao certo quantas mulheres matou: “você tem certeza de que não foram mais? Aí você me disse, ‘eu estou buscando coisas na minha lembrança, mas o que eu tenho lembrança é de oito ou nove’”. Para reforçar, Guido Palomba reaparece e confirma que “esse tipo de mal de que ele padece nunca começa a se desencadear com a idade que o *Maníaco* tinha na época” e sim, mais cedo. Francisco tinha 31 anos quando dos crimes e poderia, antes disso, segundo o Fantástico sugere, ter cometido cerca de 103 crimes. A vidente Socorro Leite diz ter visto mais de 100 vítimas de Francisco. Marcelo Resende soma o número 70, que ficou na mente de Francisco com os 30 mencionados pelo motoboy e o número três, que ele diz ter visto na cela. Logo, numa matemática grotesca e propositadamente confusa, o repórter chega ao resultado de 103 mortes. Durante esse trecho da entrevista, Francisco esboça um sorriso quase imperceptível, que logo disfarça. Resende pergunta porque o *Maníaco* estaria sorrindo: “eu não sei porque eu tô (sic) rindo”. O *motoboy*, porém, não nega a suposição do repórter estar dizendo que poderia ter assassinado mais gente. Apenas, no momento, só se lembrava de nove vítimas.

A *suposta* insanidade de Francisco é posta a prova por diversas vezes. Perguntas provocadoras levavam o *Maníaco* a *mostrar* ainda mais a sua *perversidade* e isso ajudava a prolongar a entrevista. Em determinado momento, Francisco afirma que, depois de matar as mulheres, deitava-se ao lado dos corpos, chorava e as acariciava. Era o animal tomado pela ira e pelos fantasmas, que depois desaparecia para entrar em cena o Francisco de Assis carinhoso como sua mãe dissera. O *motoboy* repetia não ter raiva das vítimas e matava por um *amor satânico*, segundo suas próprias palavras. Citando Foucault, Schmid fala sobre “a necessidade de o criminoso perigoso para produzir um

determinado tipo de discurso sobre si mesmo” (Schmid, 2003: pos 3226)³⁶. E Sodré já alertava que:

É desse modo que o aumento da visibilidade da destruição e a crescente serialização dos eventos catastróficos (cataclismas, desastres, assaltos, homicídios, guerras) alimentam a estetização midiática da vida cotidiana, transformando mundo num vasto teleteatro de acontecimentos sinistros. À destrutividade representada nessas ficcionalizações híbridas de realidade e imaginário corresponde uma grande capacidade midiática de gerar fantasias apocalípticas, que ratificam o sentimento de precariedade da existência (Sodré, 2002: 100).

O fato de Francisco conhecer – confirmado por ele - o Parque do Estado desde criança é posto de lado quando o repórter afirma que as *entidades maléficas* se manifestavam a partir do *nono passo* dado por ele assim que entrava pela mata. Os apresentadores se esforçam para *satanizar* ainda mais os *Serial Killers*, como pastores que incendeiam seus fiéis em cultos. Assim, e com a ajuda da espetacularização dos fatos, que eles garantem a audiência de amanhã. Durand já disse que “o Bestiário, parece, portanto, solidamente instalado na língua, na mentalidade coletiva e na fantasia individual” (Durand, 1989: 52).

O repórter chega a perguntar a mãe de Francisco, Maria Helena Pereira, como era ter “um assassino como filho”. Logicamente, ela não aceita tal definição e Resendefaz novamente a pergunta num tom mais ameno: “como a senhora vê o seu filho?”. A resposta é a que esperamos. A mãe não o vê como um assassino, mas como “um filho atencioso e carinhoso, que sempre conviveu com a sociedade”. Logo depois, chora frente às câmaras. O que seria mais apelativo do que uma mãe chorando em desespero pelo *mal* causado pelo filho? O que mais seria preciso para uma resposta do público? Somente alguém *muito ruim* mataria jovens inocentes, seria guiado pelo *Satanás* e deixaria isso acontecer a própria mãe. Esse alguém *precisaria* ser punido. Francisco era o *demônio* da vez. “Empiricamente, o diabo, sob os seus diversos avatares quotidianos, através das duas expressões no trágico corrente, tem uma existência real” (Maffesoli, 2004: 34). Ou como Sodré diz, precisaríamos partir para “destruição pura e simples dos obstáculos ou dos supostos inimigos” (Sodré, 2002: 106). Francisco era o *inimigo* a ser batido. Era a hora da sociedade se reunir em um objetivo de *restaurar* a ordem e eliminar o *Mal*.

Hoje, é possível que a grande força sedutora da exibição de acontecimentos violentos resida no vislumbre que se possa ter de uma ordem humana em que as pulsões agressivas ou sadomasoquistas, encontrem a sua descarga e o seu controle

³⁶ (...) *the necessity for the dangerous criminal to produce a certain kind of discourse about himself*. Tradução livre.

reequilibrador, portanto, na contemplação da violência como uma contrapartida para o medo comunitário (Sodré, 2002: 99).

Nota-se que, no segundo dia de entrevistas, a iluminação é diferente, a sala está mais clara, não há a penumbra nem a *máscara* envolvendo os olhos de Francisco. O comportamento do *Maníaco do Parque* também mudara. Ele está agora com um semblante mais cabisbaixo. Não fita mais o repórter, dirige o olhar sempre para baixo. Em certos momentos, parece triste e não mais demonstrar a força e o ímpeto do dia anterior. O que teria acontecido para que o tratamento da reportagem e o comportamento de Francisco tivessem mudado?

7. Do Chorar Junto

O *Mal* que gerou comportamentos, que suscitou desejos e apontou falhas de comportamento numa sociedade, seria agora alvo de toda a fúria deste mesmo público que o quer longe de si. A começar pelo desejo de reafirmação constante de todos os lados envolvidos de que Francisco não seria um ser humano comum. Mas guiado por vozes e desejos vindos dos mais obscuros lugares do sobrenatural ou da mente humana. Uma espécie de *Louco Satânico*. Não só com problemas mentais surgidos por quaisquer que sejam as causas, mas *também* um monstro com o destino *traçado para matar*.

Mas qual o porquê disto? Talvez pela sociedade brasileira não estar *acostumada* com esse tipo de criminoso? Até então, mesmo tendo diversos casos já citados aqui, assassinos em série eram *coisa de americano* ou *de cinema*. Porém, “é um erro supor que cada nação tem o seu próprio tipo particular de assassino, que certas marcas de crime estão restritas a certas raças” (Schmid, 2003: pos 542)³⁷. *Serial Killers* estão em todos os lugares como já *ameaçava* Ted Bundy³⁸: ““Nós, *Serial Killers*, somos seus filhos, nós somos seus maridos, nós estamos em toda a parte”³⁹. Se quisermos sair um pouco do exemplo *clássico* dos *Serial Killers* americanos, podemos citar uma reportagem do jornal espanhol *El País*⁴⁰, do dia 16 de março de 2016, que se pergunta porque há mais assassinos seriais no país nos últimos 15 anos que em todo século XX. “Algo estava mudando na forma da cultura de morte espanhola”⁴¹.

³⁷ *It is a mistake to suppose that every nation has its own particular type of murderer, that certain brands of crime are confined to certain races.* Tradução livre.

³⁸ *We Serial Killer, are your sons, we are your husbands, we are everywhere.* Em: <http://serialkillersink.net>. Tradução livre.

³⁹

⁴⁰ http://elpais.com/elpais/2016/02/15/icon/1455531888_532599.html. Acessado em 16 de março de 2016.

⁴¹ Algo estaba cambiando en la forma en la cultura de la muerte española. Tradução livre.

Um dado curioso que o jornal levanta é que, segundo a Universidade de Radford, nos Estados Unidos, há menos *Serial Killers* no mundo. Com o uso de dados matemáticos (que para este trabalho, não podem ser levados como única fonte de análise), o estudo diz que dos 906 assassinos em série *catalogados no mundo*, passamos para “somente” 597 no começo do século XXI. O decréscimo, ainda segundo o jornal, se daria por que há “menos (*Serial Killers*) nos Estados Unidos, o *maior fabricante* de assassinos seriais do mundo”⁴². Mais uma vez, não se trata aqui de não se levar em consideração o tipo de análise, mas sim o modo como ela é apresentada.

Porém, se é do imaginário coletivo que o *Serial Killer* é um monstro, um louco, por que ele se importaria com as consequências? As razões apresentadas soam como se alguém *escolhesse* ser um assassino serial, assim como se escolhe a profissão que se quer seguir na vida. Nessas horas, surge novamente a figura do psiquiatra forense. A Espanha também tem seus “Guidos Palombas” e na reportagem atende pelo nome de Lluís Borrás Roca, autor de *Asesinos en série españoles*. Segundo este autor, na Espanha, os assassinos em série locais possuem “outro estilo. Outras motivações. Vem de outros infernos”⁴³ (Roca, 2016). Mais uma vez, quando não se pode explicar, e talvez não seja possível fazê-lo, cria-se panoramas macabros e misteriosos. Aí que está o problema.

Roca ainda tenta fazer uma ligação entre problemas econômicos e alimenta representações já fixadas no imaginário popular.

Eles não eram assassinos frios e calculistas: agiam por instintos patológicos que não podiam controlar (...). “Eles eram indivíduos sem apoio social, e não recebiam tratamento médico, foram abandonados pelas famílias. Foram vítimas de negligência institucional, deixados à sua sorte nas ruas. (...) As sociedades anglo-saxônicas e, especialmente, os EUA têm sido grandes geradores de assassinos em série, por sua capacidade de produzir indivíduos frustrados com o dinheiro (Roca, 2016).

Se problemas sociais são – segundo ele – a *grande* causa do aparecimento de mais homicidas seriais na Espanha do que no resto do mundo, o que poderíamos dizer, num pensamento simplista até, de países com menos estrutura? Este e outros tipos de análises *rasteiras* levou o caso de Francisco de Assis Pereira a um estado de pânico e alarme sem precedentes no Brasil. Usou-se a figura do *Maníaco do Parque* de diversas formas, como um expurgo do *Mal*. Onde a população poderia depositar suas frustrações e liberar a violência tão contida dentro de si. “A indignação pública ergue-

⁴² “(...) porque cada vez hay menos en Estados Unidos, el mayor fabricante de asesinos en serie del mundo”. Tradução livre.

⁴³ “(...) otro estilo. Otras motivaciones. Vienen de otros infiernos”. Tradução livre. Em http://elpais.com/elpais/2016/02/15/icon/1455531888_532599.html. Acessado em 16 de março de 2016.

se, pelo contrário, perante o que viola um tabu verdadeiro, isto é, face ao homem impuro, mesmo se este é o único a ser ameaçado pela sanção, a sofrer as consequências diretas da sua falta” (Cazeneuve, s/d: 47). Francisco merecia ser castigado pelo que fez. Não só pela polícia, mas pelo julgamento popular. Por que há “(...) a utilidade do crime como fator de reafirmação da solidariedade coletiva, expressa na condenação ritual do criminoso” (Machado & Santos, 2010: 51).

Grande parte – ou a totalidade – dessa *sede de vingança* deve-se a cobertura dos média e seus líderes. O bombardeio de informações entrava diariamente nas casas de milhões de pessoas, incitando assim, o desejo de ver Francisco punido. O ódio pelo *Maníaco do Parque* era proporcional à curiosidade e ao fascínio que ele exercia. Uma coisa alimentara a outra durante meses. Até o dia em que ele fora descoberto. Neste momento, Francisco era visível, *tocável*, passível de ser linchado pelo público que queria *matar a morte com mais morte*. Francisco não era um assassino comum. Ele quebrara *regras* da sociedade. “A morte insólita é um fenômeno de tal modo impuro que todo o grupo pode se sentir ameaçado” (Cazeneuve, s/d: 127). E, ao se sentir ameaçada, a *fera enjaulada*, quando liberada, *ataca*. Elimina-se o bode expiatório, considerado culpado, para restabelecer a ordem. A vítima emissária torna-se sagrada na medida em que tem a potencialidade de desencadear a crise e também de a “resolver”.

Vingar-se é devolver ao adversário a violência que ele já nos prodigalizou. É, portanto, o assassinato. A vingança transcende os indivíduos uma vez que os parentes, os familiares a retomam. De certo modo, a vingança transcende o tempo e o espaço o que já lhe dá, de alguma maneira, qualquer coisa de religioso (Girard, 2009: 5).

A passagem a seguir, veiculada na *Folha de S. Paulo* do dia 15 de agosto de 1988, dá um pouco do tom do que seriam os *encontros* entre Francisco e o público:

A transferência do motoboy Francisco de Assis Pereira, 30, de São Paulo para Taubaté, foi acompanhada por cerca de 1.100 pessoas que pretendiam linchá-lo. (...) A tensão em frente ao DHPP, na rua Brigadeiro Tobias, no centro de São Paulo, aumentou quando 20 policiais civis, vestindo coletes pretos, criaram um cordão de isolamento entre a porta principal do departamento e o bagageiro do carro que transportaria Pereira. (...) Quando Pereira se aproximou do cordão de isolamento, começaram os gritos de ‘lincha, lincha’. Cerca de 300 manifestantes se espremiavam em volta do carro. Um deles chegou a subir no capô do veículo. (...) Os xingamentos eram acompanhados de socos no vidro do carro. Depois que o veículo com o motoboy partiu, os manifestantes ainda gritavam: ‘Uh, vai morrer’, e também ‘e, e, e, estuprador tem que morrer’. (...) As janelas dos edifícios próximos ao DHPP

ficaram tomadas de curiosos que acompanhavam a confusão O trânsito no local ficou interrompido por 15 minutos (Folha de S. Paulo, 15 de agosto de 1998).

Não bastava Francisco ser preso e pagar pelos seus crimes. Era preciso que ele passasse pela *vontade do povo*. Foucault já disse que “ [O suplício] faz também do corpo do condenado o local de aplicação da vindita soberana, o ponto sobre o qual se manifesta o poder, a ocasião de afirmar a dissimetria das forças (Foucault, 1984: 51). Na mesma matéria, uma pessoa dizia querer somente encarar o *Maníaco*, nada mais. “Só saio daqui depois de ver a cara do bandido’, disse um entrevistado, que, ia de Tremembé para São José dos Campos, mas *decidiu saltar do ônibus em Taubaté para acompanhar a chegada de Pereira*” (Folha de S. Paulo, 15 de agosto de 1998) (grifo meu). Estar cara a cara com Francisco valeria até colocar o emprego em risco. Por que, como diz Rabot: “Para ser exorcizado, o *mal* tem que ser dito, visualizado, experimentado” (2011: 207).

Comparável a atos da Idade Média. Segundo Bastos e Cabral, que dizem: “o grito do povo acompanhava a marcha dos condenados. Nos gritos, todos sentiam prazer em ver sofrer os desgraçados” (Bastos *et al.*, 2010: 16). Reforçado pelas palavras de Sorel: “a Inquisição fornecia o modelo de tribunais que, colocados em ação a partir de indícios muitos fracos, perseguiram com perseverança as pessoas que perturbassem a autoridade” (Sorel, 1993: 90). O tribunal aqui também se fazia na sociedade com as *provas chegando* a todo momento vindas dos média.

Num mundo em que o importante é a vitória, o sucesso, ganhar sempre, os meios de comunicação social, e acima de todos eles a televisão, são o seu instrumento privilegiado, são o instrumento que o sistema de sucesso encontrou para se dar em exibição e se reproduzir (Martins, 2002).

Haveria assim um misto de alegria e ódio pela prisão do *Maníaco*. Alegria pela captura e ódio por ele *realmente* existir e se *parecer* como um de nós e ser mostrado na nossa cara. Ele era o monstro que deveria ser extirpado do nosso convívio, como diz Eliade: “protótipo mítico é a matança de um monstro de três cabeças” (1992: 32). A *reunião social*, o *chorar junto*, que tanto já falaram Maffesoli e Baudrillard aqui ganha contornos idênticos aos que foram dados aos atos de Francisco: grotescos, exagerados e violentos. “O linchamento, pela sua unanimidade, reconcilia a comunidade, e a personagem que foi linchada passa por ser muito má pois causou a violência na comunidade” (Girard, 2009: 7). Segundo o pensamento de Girard (2009), Francisco, o bode expiatório, substituiria os “inimigos” que cada um dos membros da sociedade teria, em prol de apenas um alvo. Barthes já disse que “a condenação apaixonada da multidão já não se elabora a partir de um juízo, mas forma-se no mais profundo de suas entranhas” (Barthes, 2007: 13). Como também nos mostra Maffesoli em diversos momentos “a obscuridade é um momento do holismo tribal. Ela sublinha o seu aspecto simbólico,

isto é, permite a ‘reunião’, favorece o vínculo” (Maffesoli, 2004: 108). Uma vez que, continuando com Maffesoli, “a violência é um elemento essencial da construção simbólica do social” (Maffesoli, 2004: 108).

Seria como diz o teólogo Leonardo Boff, citado em Bastos:

Quando todos (menos um, feito vítima) se unem para descarregar a violência em cima da vítima, criam uma comunidade. (...) Todos se unem para punir a vítima. A criação da vítima faz com que todos descarreguem a violência nela, e assim se constitui a comunidade sem violência auto devoradora (Bastos et al., 2010: 165-166) (grifo meu).

As manifestações de vingança se encaixariam numa espécie de ordem quase *sacra*, em que é preciso *tocar* na imagem para receber a graça divina: “eu ato o atador, *mato a morte*, utilizo as próprias armas do adversário. E por isso mesmo simpatizo com a totalidade ou uma parte do comportamento do adversário” (Durand, 1989: 142) (grifo meu). Como dito outras vezes, uma espécie de *fascínio repugnante*. Francisco tornara-se um *prêmio* para a justiça e para a sociedade. “Populares jogaram até guarda-chuvas. A viatura foi danificada e por pouco não a tombaram. Sob vaias, o comboio⁴⁴ partiu. Por todo o percurso, os carros da polícia foram seguidos por helicópteros das emissoras de televisão” (Alcalde & Santos: 1999: 108). Bastos recorre até Freud para elucidar esse tipo de comportamento: ““(...) uma comunidade se mantém unida por duas coisas: a força coercitiva da violência e os vínculos emocionais (identificações é o nome técnico) entre seus membros”” (Bastos et al., 2010: 53-54). Pois, também como afirma Debord “O espetáculo reúne o separado, mas reúne como separado” (Debord, 1997: 23).

Continuando com Bastos e Cabral, aqui “o sacrifício da vítima não é compreendido como um ato de violência, mas como antídoto contra a violência” (Bastos et al., 2010: 160), portanto ele seria *legítimo* não aos olhos da justiça, mas aos olhos da sociedade. A “vítima” no caso, do ódio do povo seria Francisco. O comportamento de quem viveu realmente a dor dos assassinatos é nítido também para Bastos e Cabral que falam em vingança, mas também sentimento de justiça ao ver o causador do sofrimento punido: “quando o Estado pune o marginal, o povo se vê vingado. A alegria que se segue diz respeito à reinserção da ordem e à suspensão do perigo do caos” (Bastos et al., 2010: 160). Não importando como ele será punido, na verdade.

As mães de duas das vítimas do maníaco do parque agradeceram a Deus ao ver pela TV a notícia da prisão do acusado Francisco de Assis Pereira, 30. (...) Ontem

⁴⁴ Aqui, comboio se refere a um conjunto de veículos em grupamento.

à noite, em um dos poucos momentos que saiu do quarto, ela estava assistindo à TV quando viu a notícia da prisão de Francisco. 'Ela quase desmaiou, entrou em pânico, sentiu tontura e começou a gritar', conta. 'Abracei-a e levei-a para a cama novamente'. Entre seus gritos, diz o sobrinho, **ela pedia apenas justiça divina**. (...) 'Ajoelhei no chão e pedi a Deus alto. Eu agradei muito, porque **essa pessoa não pode ficar junto à sociedade**', disse. 'Nem a morte dele vai pagar o que ele fez a minha filha'. (...) Maria de Lourdes diz acreditar que o motoboy não tenha problemas mentais. Na sua opinião, **ele tem algum tipo de trauma ou "é possuído pelo demônio"**. (...) Segundo a mãe de Selma, seus vizinhos, ao saber da notícia, saíram para a rua comemorando a prisão do motoboy (Folha de S. Paulo, 5 de agosto de 1998) (grifos meus).

O que se vê é uma sociedade regida pelos humores de quem nos conta uma história? Que, ao sabor da guerra por audiência determina quem são os vilões, heróis e em como devem ser tratados? Ou é uma sociedade comprimida ao extremo que *necessita* destas válvulas de escape para liberar toda uma violência que possui e que a nega constantemente? Ou tudo junto? Voltando a Ted Bundy, algo muito similar aconteceu naquele caso. Porém, um pouco mais extremo já que se tratou realmente da execução do criminoso: "Do lado de fora, umas 500 pessoas que esperavam a notícia da sua morte gritavam frases como 'queime, Bundy, queime'. (...) (locutor fala). Já se acendeu a luz vermelha. 5,4,3,2,1"⁴⁵. Antes da morte do assassino "reinava um ambiente de festa entre as pessoas que esperavam fora. Cartazes, buzinas, uma autêntica festa"⁴⁶. Crueldade paga com crueldade? "A crueldade tem, pois, o seu lugar na sociedade pós-moderna" (Maffesoli, 2004: 133). Mas a nossa crueldade. Não a dos psicopatas.

Até hoje Francisco é lembrado. O *Maníaco do Parque* já teria espaço no imaginário popular ao lado de outros ícones da maldade como *Jack, The Ripper*. O que se viu foi o sensacionalismo e uma sociedade sem saber como agir, guiada por figuras que inflamaram discursos e ajudavam a fomentar uma cultura de violência e vingança. Outros casos clássicos, não se assassinos seriais, seriam o da família Nardoni⁴⁷, ou de Suzane Richthofen⁴⁸, curiosamente todos em São Paulo. Talvez um outro simples exemplo bastaria para reforçar que a situação de Francisco e todo o tratamento que ela recebeu tanto dos mídia quanto da sociedade não foi algo pontual. Acontece até hoje. Francisco foi a *cobaia* na criação de um estilo de *pseudojornalismo* no Brasil. Em Goiânia, capital do estado de Goiás (região Centro Oeste do país), foi capturado, em 2015, Tiago da Rocha, 27 anos, um *Serial Killer* que teria assumido 39 assassinatos entre mulheres,

⁴⁵ *Ted Bundy Serial Killer* Em: <https://www.youtube.com/watch?v=iFbNkmeDuuY>

⁴⁶ *Ted Bundy Serial Killer* Em: <https://www.youtube.com/watch?v=iFbNkmeDuuY>

⁴⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Isabella_Nardoni. Acessado em 14 de fevereiro de 2016.

⁴⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Richthofen. Acessado em 14 de fevereiro de 2016.

homossexuais e moradores de rua, ocorridos entre 2011 e 2014. Na cadeia, Tiago escreveu algumas cartas abertas à população com a intenção de se defender. Numa delas, divulgada no dia 13 de fevereiro de 2016, Tiago afirma “sofrer de problemas psiquiátricos”⁴⁹, diz que a imprensa *criou um monstro* e pede uma chance de se curar e “de sorrir novamente”⁵⁰. Tiago também pede perdão pelos crimes, se diz arrependido e que seria “portador de ‘bipolaridade’, com audição de vozes, um raiva inexplicável, um sentimento incontrolável”⁵¹. Nada diferente daquilo visto com Francisco e tantos outros.

Mesmo discurso. Mesma tática do grotesco. Aqui, usada diretamente pelo assassino e reproduzida por um veículo dos média. Ainda de acordo com a matéria, Tiago também seria vítima de *influências demoníacas*⁵². Desse modo, o *Diabo* parece possuir muitas vozes e tem tido um grande trabalho se *fazendo ouvir* via *Serial Killers*. E termina quase que apelando: “Vocês vêem um ser humano ou um monstro que a mídia criou?”⁵³. Vai ao encontro do que Foucault fala em “traçar o limite que definirá a diferença de relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal” (Foucault, 1984: 163). Algum de nós *vai* responder a esta questão? E qual seria a resposta? É essa violência e este *Mal*, ambos reprimidos ao extremo, que são tratados por uma sociedade em que “reproduzem-se indivíduos cada vez mais regidos pelo emocionalismo simples do entretenimento mediático e autocentrados na multiplicidade passiva dos desejos constitutivos do mercado de consumo” (Sodré, 2002: 106).

CONCLUSÃO

O *Serial Killer*, desnudo em frente às TVs ou nas matérias de jornais, tornar-se-ia o catalisador de uma violência que está dentro de nós. Uma vez reprimida à exaustão, ela encontraria no mais misterioso criminoso que a humanidade já viu o alvo perfeito para a catarse coletiva e o chorar junto que a sociedade tanto precisaria e que tanto lhe é negada. Num ritual quase sacro, já se disse que o *Mal* precisa ser visto e tocado para

⁴⁹ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/13/em-carta-suposto-serial-killer-de-go-pede-chance-de-sorrir-novamentehtm?cmpid=tw-uolnot#fotoNav=8>. Acessado em 13 de fevereiro de 2016.

⁵⁰ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/13/em-carta-suposto-serial-killer-de-go-pede-chance-de-sorrir-novamentehtm?cmpid=tw-uolnot#fotoNav=8>. Acessado em 13 de fevereiro de 2016.

⁵¹ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/13/em-carta-suposto-serial-killer-de-go-pede-chance-de-sorrir-novamentehtm?cmpid=tw-uolnot#fotoNav=8>. Acessado em 13 de fevereiro de 2016.

⁵² <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/13/em-carta-suposto-serial-killer-de-go-pede-chance-de-sorrir-novamentehtm?cmpid=tw-uolnot#fotoNav=8>. Acessado em 13 de fevereiro de 2016.

⁵³ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/13/em-carta-suposto-serial-killer-de-go-pede-chance-de-sorrir-novamentehtm?cmpid=tw-uolnot#fotoNav=8>. Acessado em 13 de fevereiro de 2016.

ser expurgado. Neste teatro de gosto duvidoso, dá-se à audiência aquilo que a audiência quer. Francisco não era um criminoso comum antes de ser capturado, porque deveria o sê-lo após? Seu “colega” americano, Richard Ramirez, o *Night Stalker*, disse em pleno julgamento que seria “um discípulo de Satã. Um enviado do demônio” (Bourgoin, 1995: 221). O que aumenta a fome pelo grotesco e *confirma* que somos muito diferentes dos *Serial Killers*.

Não haveria neste “voyeurismo” contemporâneo algo como o “olho da alma social” (Maffesoli, 2004: 124)? O desejo de ver a desgraça pode ser considerado sua canonização. É preciso ir à delegacia para ver de perto o monstro. Vivemos a cultura da imagem. E o assassino em série representa toda a violência que insistimos em negar, que já não “podemos” ou queremos ver. Mas há uma saída: reforçar que somos diferentes dos *Serial Killers*. Não somos monstros. E eles não são humanos. Vivemos em tempos em que levamos ao pé da letra a expressão “cortar o mal pela raiz”. Porém, a raiz está dentro de nós. Retirando-a, retira-se uma parte de nós. Fica um vazio, um buraco, a ser preenchido – ao contrário do que imagina – com mais violência. Com nossos instintos sendo cada vez mais vigiados, domesticados, enclausurados, é esperado que uma hora haja o retorno.

Quando nos “deparamos” com um assassino em série - seja na TV seja no jornal - preso, enjaulado, condenado, vemos nossa relação com o sacrifício (“tornar sagrado”) de volta à tona. Queremos eliminar quem quebrou as regras da sociedade. Não nos esqueçamos jamais do ritual. Parte vital para toda a engrenagem que nos ligaria aos assassinos em série. Tudo que faz com que imaginemos monstros com chifres e poderes sobrenaturais. Para que nós – meros seres humanos – possamos nos vingar da besta sem dó, nem culpa. É a morte pela morte. O assassino em série sempre existiu e sempre vai existir. Não é fruto do sobrenatural. É um de nós. Está aqui também para lembrar-nos que somos violentos e que não sabemos lidar com isso. Não sabemos como reagir quando a violência nos encara de forma mítica, desumana, sem explicação aparente. Os monstros deveriam ficar nas telas de cinema. Quando invadem o “mundo real”, somos nós que vamos caça-los.

Desmedida, aparentemente sem motivo e, no meio, a crueldade do homem. Que ele insiste em elevá-la a níveis grotescos para explicar e afastar paradoxalmente esta violência do seio da sociedade. Somos hipócritas ou estamos apenas anestesiados? Fingimos incredulidade e somos solidários a dor do outro ou apenas não queremos que nos “roubem” o monopólio da maldade?

REFERÊNCIAS

- Alcalde, Luísa & Santos, Luiz Carlos dos (1999). *Caçada ao Maníaco do Parque*. São Paulo: Escrituras Editora.
- Arendt, Hannah (1994). *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará.
- Baczko, Bronislaw (1985). *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, Volume 5.
- Barthes, Roland (1987). *Mitologias*. Trad. Rita Buongermino, Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand.
- _____ (2007). *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva.
- Bastos, Aguinaldo de; Cabral, Alexandre Marques, & Rezende, Jonas (2010). *Ontologia da Violência*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Baudrillard, Jean (1990). *A transparência do Mal - Ensaio sobre os fenómenos extremos*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus.
- _____ (1996). *As estratégias fatais*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco.
- Bourgoin, Stéphane (1995). *Serial Killers: inquérito sobre os assassinos em série*. Trad. Arthur Lopes Cardoso. Lisboa: Asa.
- Brito, Maria Filomena Carvalho (1998). *A alcunha: configuração linguística de um continuum afectivo (observação de uma micro-sociedade de tipo clânico)*, *Hvmanitas*, vol. L, Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 835-866
- Calabrese, Omar (1988). *A idade neobarroca*. Lisboa: Edições 70.
- Capote, Truman (2003). *A sangue frio. Relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cazeneuve, Jean (s/d). *Sociologia do rito*. Porto: Rés.
- Dantas, Geovanna Adya Cordeiro, Leite, Jalima Simone & Targino, Maria das Graças (2013). *Mídia e violência: dicotomia deontológica entre ética e prática jornalística*. *Datagramazero*, v. 14, n. 5, p. A06. <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/14516>.
- Debord, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.

Durand, Gilbert (1989). *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Lisboa: Editorial Presença.

Eco, Umberto (1989). *Sobre os espelhos e outros ensaios*. São Paulo: Perspectiva.

Eliade, Mircea (1992). *O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição*. Lisboa: Edições 70.

_____(1963). *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva.

Evans, Stewart; Rumbelow, Donald (2009). *Jack The Ripper*. Scotland Yard Investigates. Gloucestershire: The History Press.

Foucault, Michel (1984). *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Freud, Sigmund (1996). *Além do princípio de Prazer*. In: *Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.

Girard, René (2004). *O bode expiatório*. São Paulo: Paulus,.

Goffman, Erving (1995). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

Gonçalves, Albertino (2009). *Vertigens. Para uma sociologia da perversidade*. Coimbra: Grácio Editor.

Gorender, Miriam Elza (2010). *Serial Killer: o novo herói da pós-modernidade*. *Estudos de Psicanálise, Aracaju*, 34, pp. 117-122.

Greig, Charlotte (2010). *Serial Killers: nas mentes dos monstros*. São Paulo: Madras.

Hall, Stuart (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.

Kendell, Colin (2010). *Jack The Ripper, The theories and the facts*. Gloucestershire: Amberly Publishing.

Kracauer, Siegfried (2004). *From Caligari to Hitler*. [1947]. Princeton: Princeton UP.

Machado, Helena; Santos, Filipe (2010). *A moral da justiça e a moral dos media: julgamentos mediáticos e dramas públicos*. In Martins, Moisés de Lemos (Org.). *Caminhos nas Ciências Sociais: memória, mudança social e razão*. Coimbra: Grácio Editor, pp. 49-62.

Maffesoli, Michel (2004). *A parte do diabo*. Rio de Janeiro: Record.

____ (2010). "Pós-Modernidade", In Gonçalves, Albertino; Rabot, Jean-Martin. *Comunicação e Sociedade*, nº 18. Trad. Jean-Martin Rabot (Org.). Braga: Centros de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. pp. 21-25.

Malcolm, Janet (1990). *O Jornalista e o Assassino*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia da Letras.

Martins, Moisés (2002). *O trágico na modernidade*. Interact. Revista on line de arte, cultura e tecnologia, 5. Em: <http://www.interact.com.pt/memory/interact5/ensaio/ensaio3.html>

Morin, Edgar (1990). *Cultura de Massa no século XX: o espírito do tempo*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Newton, Michael (2000). *Encyclopedia of Serial Killers*. New York: Facts on File.

Philbin, Tom & Philbin, Michael (2009). *Killer Book of Serial Killers: Incredible stories, facts, and trivia from the world of serial killers*. Naperville: Sourcebooks.

Rabot, Jean-Martin (2011). *A imagem do monstro nas sociedades pós-modernas* in Martins, Moisés de Lemos; Miranda, José Bragança de; Oliveira, Madalena; Godinho, Jacinto (Org.). *Imagem e pensamento*, Coimbra: Grácio Editor, pp. 189-210.

____ (2009). "O que é pós-modernidade?", In Coelho, Maria Zara Simões (Org.). *Não poupes no semear. Trinta anos de comunicação*, Aníbal Alves. Coimbra, Pé de Página, pp. 79-94.

Roca, Lluís Borrás (2002). *Asesinos en Serie Españoles*. Barcelona: J.M. Bosch Editor.

Schechter, Harold (2013). *Serial Killers. A anatomia do Mal*. Rio de Janeiro: Darkside Books.

Schmid, David (2005). *Natural Born Celebrities: Serial Killers in American Culture*. Chicago: University of Chicago Press.

Schmidt, Paulo (2008). *Jack, o extirpador. A verdadeira história 120 anos depois*. São Paulo: Geração Editorial.

Sodré, Muniz (2002). *Sociedade, mídia e violência*. Porto Alegre: Sulina Edipucrs.

Sorel, Georges (1993). *Reflexões sobre a violência*. Petrópolis: Vozes.

Vronsky, Peter (2004). *Serial Killers: The Method and Madness of Monsters*. Nova Iorque: Berkley Books.

Zanetti, Daniela (2009). *Repetição, serialização, narrativa popular e melodrama*. São Paulo: Matrizes (USP. Impresso), v. 2, p. 181-194.

JORNAIS E REVISTAS

Die Welt (<http://www.welt.de>)

El Pais (<http://elpais.com>)

Folha de S. Paulo (<https://www.folha.com.br>)

O Globo (<https://www.oglobo.com.br>)

Liberation (<http://www.liberation.fr>)

Revista Veja (<https://www.veja.com.br>)

The New York Times (<https://www.nytimes.com>)

The Washington Post (<https://www.washingtonpost.com>)

WEBGRAFIA

http://archives.lesoir.be/marc-dutroux-un-personnage-extremement-manipulateur_t-19980424-Z0F54Lhtml

<http://coronertalk.com/ct19>

http://everythingexplainedtoday/Serial_killer/

<http://geracaoeditorial.com.br/jack-o-estripador-a-verdadeira-historia-120-anos-depois/>

<http://journal.media-culture.org.au/0411/10-schmid.php>

<http://murderpedia.org/>

<http://noticiasuol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/13/em-carta-suposto-serial-killer-de-go-pede-chance-de-sorrir-novamentehtm?cmpid=tw-uolnot#fotoNav=8>

<http://serialkillercalendar.com>

<http://serialkillercentral.blogspot.pt>

<http://serialkillersink.net>

<http://supernaught.com>

<http://temps.reelnouvelobs.com/opinions/20080328OBS6986/le-proces-de-l-ogrehtml>

<http://www..interact.com.pt/memory/interact5/ensaio/ensaio3.html>

<http://www.20minutes.fr/france/221982-20080328-michel-fourniret-monique-olivier-deux-pervers-mutuellement-instrumentalises>

<http://www.abjectfilms.com/collectorstext.html>.

<http://www.allthingscrimeblog.com/2014/05/11/51-best-disturbing-quotes-from-19-disturbed-serial-killers>.

<http://www.biography.com/people/hh-holmes-307622>

http://www.businessweek.com/2000/0o_47/b37o8o56.htm.&gws_rd=ssl

<http://www.buzzfeed.com/timstelloh/john-wayne-gacy-cold-case-files#.ix1qjYMZd>

<http://www.conferencealerts.com/show-event?id=143104>

<http://www.crimelibrary.com>

<http://www.dhnet.be/actu/faits/dutroux-vu-par-sa-mere-51b7cbb7e4b0de6db98eac9f>

<http://www.imdbcom/>

<http://www.interact.com.pt/memory/interact5/ensaio/ensaio3.html>.

<http://www.jack-the-ripper-walk.co.uk/the-juwes-graffitohtm>

<http://www.murderauction.com>

<http://www.supernaught.com>

<https://www.youtube.com/watch?v=iFbNkmeDuuY> (Ted Bundy Serial Killer)

FILMOGRAFIA (filmes, séries, programas de televisão)

10 Rillington Place. Dir. Richard Fleisher, Eua, Inglaterra, 1970.

A Nightmare On Elm Street. Dir. Wes Craven, Eua, 1984.

American Psycho. Dir. Mary Harron, Eua, 2000.

Dexter. Dir. Jeff Lindsay, Eua, 2006.

Dressed To Kill. Dir. Brian De Palma, Eua, 1980.

Fantástico. Dir. Roberto Talma. Rio De Janeiro, Rede Globo, 22 Nov. 1998.

Gone Girl. Dir. David Fincher, Eua, 2014.

Halloween. Dir. John Carpenter, Eua, 1978.

Hannibal. Dir. Vários, Canadá, 2012.

M. Dir. Fritz Lang, Alemanha, 1931.

Monster. Dir. Patty Jenkins, Eua, 2003.

Natural Born Killers. Dir. Oliver Stone, Eua, 1994.

Notorius Killers. Dir. Vários. Inglaterra, 20__.

Psyco. Dir. Alfred Hitchcock, Inglaterra, 1960.

Scream. Dir. Wes Craven, Eua, 1996.

Se7en. Dir. David Fincher, Eua, 1995.

Serial Killer Culture. Dir. John Borowski, Eua, 2014.

Serial Killers: The Real Life Hannibal Lecters. Dir. Sean Buckley, Eua, 2001.

Ted Bundy Serial Killer. History Channel. S/Diretor. 2004.

The Boston Strangler. Dir. Richard Fleisher, Eua, 1968.

The Girl With The Dragon Tattoo. Dir. David Fincher, Eua, 2011.

The Jeffrey Dahmer Files. Dir. Chris James Thompson, Eua, 2012.

The Shining. Dir. Stanley Kubrick, Eua, 1980.

The Silence Of The Lambs. Dir. Jonathan Demme, 1991.

The Texas Chain Saw Massacre. Dir. Tobe Horper, Eua, 1973.

True Detective. Dir. Vários. Eua, 2014.

Zodiac. Dir. David Fincher, Eua, 2007.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto
Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the
Institute of Sociology of the University of Porto
R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx
ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 51

Título/Title

“Anticristo Superstar. Os *quinze minutos de fama*, violência e linchamento do *Maníaco do Parque*”

Autor/Author

Luiz Alberto Moura

O autor, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons “Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal (cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).